

29 MAI 1990

Acima de ideologias

ROGÉRIO COELHO NETO

Com 74% de popularidade pelos registros insuspeitos do Ibope, o presidente Fernando Collor parece pronto, conforme revelam os seus mais frequentes interlocutores, a apressar o seu programa de renegociação da dívida externa. Pela primeira vez, garante os que conversaram recentemente como presidente da República sobre tão polêmica questão, o governo brasileiro não vai levar em conta as conhecidas pressões dos bancos estrangeiros.

A operação dívida externa, para quem já ouviu o presidente falar dela, vai surpreender novamente os que insistem em dividir apenas entre esquerda e direita os espaços políticos do País. Collor, em suma, pretende partir para a renegociação com os credores externos empalmado a bandeira de credibilidade que o combate à especulação financeira, no nível da dívida interna, colocou em suas mãos a partir do dia 15 de março.

A ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, andou dando as primeiras caneladas nos credores americanos. Parte, na verdade, de todo um script que começou a ser elaborado ao longo da campanha eleitoral do ano passado. A renegociação da dívida externa, sem o sacrifício do desenvolvimento econômico do País, insere-se entre os principais pontos da plataforma de governo que Fernando Collor levou às ruas. Na oportunidade, o presidente da República, então candidato ao primeiro turno das eleições do ano passado, que acabou vencendo, destacou que o Brasil não deixaria de manter contatos com o FMI, mas falando como sócio do fundo, de igual para igual. A partir

Zélia deu as primeiras caneladas nos credores americanos

do encaminha-mento, nos primeiros dias de junho, de uma carta de intenções — imprescindível para a

assinatura de um acordo **stand by**, o Brasil iniciará, efetivamente, na área do FMI, a temporada de renegociação da dívida externa. Normalmente, os responsáveis pelo Fundo Monetário Internacional estendem por três a quatro meses a novela do exame do controle de desempenho da economia brasileira. Há quem acredite, porém, que desta vez os prazos usualmente observados pelo FMI terão de ser reduzidos, porque o presidente da República é um homem que tem pressa.

É natural que qualquer grupo de estrangeiros que aportem no Brasil a trabalho acabe por estender uma determinada missão, alternando suas atividades entre Brasília e Rio. Afinal de contas, ninguém é de ferro e as praias cariocas, mesmo no inverno, oferecem algum atrativo. Os profissionais do FMI, desta vez, não deverão ter muita chance, no entanto, como ocorria no passado, de ir à praia, sob pena de serem atropelados pelo tratamento de urgência que o presidente Fernando Collor costuma dar a todos os assuntos importantes do governo.

A renegociação da dívida externa é pautada naturalmente por um cronograma. Mas nada impede que prazos mais longos, que levam a negociações tensas, venham a ser atropelados ou rompidos. Ao primeiro sinal de endurecimento dos credores ou diante de uma exigência mais descabida do FMI, Fernando Collor entrará em cena e assumirá, ele mesmo, o comando das ações, segundo assegura o líder do governo na Câmara, deputado Renan Calheiros, um dos interlocutores habituais do presidente da República.

Collor, em linhas gerais, deseja renegociar a dívida externa acima das conhecidas pressões ideológicas internas e à margem das operações de intimidação que os grupos de credores costumam desfechar sobre países em dificuldades. Desta maneira, o presidente da República pretende, também no palco internacional, mostrar técnicas de inovação administrativa. E usar, se necessário, como ocorreu no enfrentamento da dívida interna, o fator surpresa.

Rogério Coelho Neto é jornalista